UM JESUÍTA ALEMÃO NO BRASIL MERIDIONAL CONTA A HISTÓRIA DOS MUCKER: O CENÁRIO E SUA PROTAGONISTA ATRAVÉS DA NARRATIVA DE AMBRÓSIO SCHUPP

DANIEL LUCIANO GEVEHR

Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

RESUMO

O estudo analisa a obra *Os Muckers*, produzida pelo jesuíta alemão Ambrósio Schupp, que chegou no Brasil em 1874, quando o conflito Mucker (1868-1874) chegava ao fim. Investigamos parte das representações construídas pelo jesuíta sobre os Mucker e procuramos entender como essas serviram de base para a produção de uma memória que, durante muitas décadas, procurou evidenciar uma única imagem sobre o Ferrabraz – lugar onde o conflito ocorreu – e também sobre Jacobina, a mulher que liderou os Mucker. Discutimos como esses discursos – fundamentados em uma determinada concepção de ciência e de narrativa histórica – acabaram sendo responsáveis, em grande parte, pela difusão de representações que se solidificaram nas décadas seguintes e imprimiram uma noção “de verdade” sobre o episódio.

PALAVRAS-CHAVE: Ambrósio Schupp; Mucker; Representação; Memória.

ABSTRACT

This study analyzes the work *Os Muckers*, produced by the German Jesuit Ambrósio Schupp, who arrived in Brazil in 1874, when the Mucker conflict was ending (1868-1874). We investigate part of the representations constructed by the Jesuit about the Mucker and we seek to understand how these were the basis for the production of a memory that, over many decades, sought to highlight a single image about the Ferrabraz – place where the conflict occurred – and also about Jacobina the woman who led the Mucker. We discuss how these speeches – grounded on a particular conception of science and historical narrative – ended up being responsible, mostly, by the diffusion of representations that had solidified in the following decades and have printed a notion “the truth” about the episode.

KEYWORDS: Ambrósio Schupp; Mucker; Representation; Memory.

Considerações iniciais

O objetivo principal desse estudo é analisar as narrativas produzidas pelo jesuíta alemão Ambrósio Schupp sobre o conflito dos Mucker, no final do século XIX e interpretar como se deu a construção da sua versão sobre o episódio. Entretanto, faz-se necessária, num primeiro momento, uma breve contextualização sobre o conflito apresentado na narrativa de Schupp, permitindo assim um maior aprofundamento sobre o tema e suas problematização.

O movimento Mucker (1868-1874) ocorreu no contexto da imigração alemã para o sul do Brasil no século XIX e foi marcado pela oposição entre colonos alemães e seus descendentes. Ao pé do morro Ferrabraz – localizado no atual município de Sapiranga (RS) – nasceu um grupo de colonos, liderados por Jacobina Mentz Maurer, descendente de alemães – que desempenhou o papel de líder religiosa do grupo, despertando com isso a oposição da maioria dos moradores e das autoridades da Colônia Alemã.

Os principais episódios que marcaram a história do conflito ocorreram nas imediações do morro Ferrabraz, localizado na Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo (RS), atual município de Sapiranga. O termo Mucker foi empregado – ao que tudo indica, pela primeira vez por Boeber, pastor evangélico-luterano, que atendia a região – para designar, de forma pejorativa, o grupo de pessoas que estava se organizando no Ferrabraz em torno das pregações religiosas de Jacobina Mentz Maurer e das atividades de curandeirismo praticadas pelo seu marido João Jorge Maurer.

O termo Mucker apresenta diferentes significados, podendo significar santarrão, embusteiro ou fanático religioso. O termo pode ainda ser associado ao zumbido das abelhas, quando estão trabalhando na colméia. Essa última tinha como intenção a identificação dos Mucker como um grupo que, quando reunido em culto, demonstrava todo seu fervor e fanatismo religioso.

O grupo foi responsabilizado por uma série de acontecimentos marcados pela violência e assassinatos na localidade, o que resultou no massacre dos Mucker em 1874. A ação foi promovida pelas forças oficiais do Império e foi liderada pelo Coronel Genuíno Sampaio, que acabou morrendo no combate contra os Mucker no Ferrabraz. Com isso, entendemos que Jacobina e Genuíno encontram-se em lados opostos no conflito. Essa oposição ficará evidente nas narrativas produzidas sobre o conflito, que de acordo com nossa análise, será marcada, num primeiro momento, pelos escritos de Ambrósio Schupp e Karl Von Koseritz.

Como já afirmamos, apresentamos Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio como personagens antagônicos, situados em lados opostos do conflito. Daí, considerarmos fundamental desvendar como se deu a construção de representações sobre esses dois personagens, considerados os principais no episódio, e que representavam, de um lado, os Mucker, e de outro, seus combatentes.

Iniciamos nossa análise sobre os personagens centrais do conflito apresentando, de forma abrangente, a biografia de Jacobina Mentz Maurer. Em relação a ela, sabe-se que nasceu em data desconhecida do mês de junho de 1842, na localidade de Hamburgo Velho, atual município de Novo Hamburgo – RS. Era filha do casal de imigrantes alemães, André Mentz e Maria Elisabeth Muller, que, além de Jacobina, possuíam mais 7 filhos. Jacobina foi confirmada em 04 de abril de 1854 na Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil de Hamburgo Velho, onde viria a se casar com João Jorge Maurer. Foi assassinada em 02 de agosto de 1874, quando foi descoberta, pelas forças oficiais, em seu esconderijo na mata fechada, ao pé do morro Ferrabraz.

Sobre suas características físicas pouco sabemos, em razão de não termos qualquer retrato¹ seu, o que torna sua personagem ainda mais enigmática, despertando o imaginário da população acerca de como seria a imagem real de Jacobina. Como seria seu rosto, seus cabelos, seu corpo? São perguntas para as quais até o momento não temos respostas confiáveis, tendo em vista que as descrições feitas sobre ela são bastante distintas.

Sobre as características físicas de Jacobina pouco sabemos, em razão de não termos qualquer retrato seu, o que torna sua personagem ainda mais enigmática, despertando o imaginário da população acerca de como seria a imagem real da líder dos Muckers. Jacobina, quando criança, teve sérias dificuldades na escola, não tendo conseguido aprender a ler e escrever antes da fase adulta.

Segundo os diagnósticos do Dr. João Daniel Hillebrand² Jacobina apresentava, desde criança, sinais de transtornos nervosos que haviam se agravado em sua fase adulta. Jacobina teria aprendido a ler em alemão somente depois de adulta, com a ajuda de Hardes Fleck, quando já residia com seu marido no Ferrabraz. A partir desse momento, teria iniciado a leitura e a interpretação da Bíblia. Segundo o médico, esses transtornos, desde os tempos de criança, teriam provocado uma verdadeira mania religiosa e sonambulismo espontâneo.

Hillebrand apontava seu marido, João Jorge Maurer, como o responsável pela doença da mulher, já que, segundo seu entendimento, ele a obrigava a praticar charlatanismo. Além disso, João Jorge Maurer era descrito pela maioria das pessoas de sua época como alguém que não gostava de trabalhar. Agricultor e marceneiro de profissão, Maurer tinha aprendido a manipular ervas medicinais, que eram empregadas no preparo de chás e remédios para a cura de várias doenças que assolavam os colonos. A denominação de “Doutor

¹ A única fotografia que representaria Jacobina é aquela atribuída ao casal Maurer e apresentada por Moacir Domingues, cuja autenticidade é amplamente questionada. Acredita-se que a fotografia não retrate Jacobina e seu marido João Jorge Maurer. A não existência de uma imagem concreta de Jacobina Mentz Maurer torna sua personagem ainda mais misteriosa. A fotografia, contudo, é constantemente empregada, especialmente pela imprensa, para conferir um rosto à personagem.

² DOMINGUES, Moacir. *A Nova Face dos Muckers*. São Leopoldo, 1977, p. 39.

Maravilhoso” surgiu entre as pessoas que nele procuravam ajuda e acabou se tornando bastante conhecida na colônia.

Agricultor e marceneiro de profissão, Maurer tinha aprendido a manipular ervas medicinais, que eram empregadas no preparo de chás e remédios para a cura de várias doenças que assolavam os colonos. A denominação de “Doutor Maravilhoso” surgiu entre as pessoas que nele procuravam ajuda e acabou se tornando bastante conhecida na colônia.

Foi, portanto, em torno de Jacobina e João Jorge Maurer que se deu a organização do grupo dos Mucker. Há, no entanto, inúmeros outros personagens envolvidos, dentre os quais um nos chama a atenção. Referimo-nos a João Jorge Klein³, cunhado de Jacobina, casado com sua irmã Catarina Mentz. Sobre a atuação de Klein, restam muitas dúvidas, já que ora é apontado como “mentor intelectual” do grupo, ora - como embora em seus escritos⁴-tenha essa atuação desacreditada.

Contrapondo-se às representações construídas e difundidas sobre Jacobina e seus adeptos, encontramos aquelas que retratam o coronel que liderou as tropas contra os Mucker. Genuíno Olympio de Sampaio nasceu em 1822, na Bahia. Iniciou cedo sua carreira militar, sendo que aos quinze anos de idade já havia participado, como cadete, no combate realizado contra os revoltosos no episódio da Sabinada, revolta que havia se iniciado em 1837, na Bahia. Pelos atos de bravura demonstrados naquela ação, Genuíno foi promovido a Alferes de Comissão.

Em 1838, Genuíno Sampaio chegou ao Rio Grande do Sul para lutar ao lado das forças imperiais na Revolução Farroupilha, que eclodiu na Província em 1835 e que se estendeu até 1845. Terminada a revolução, Genuíno foi elevado a Tenente em 1847 e, em 1849, dirigiu-se à Província de Pernambuco para lutar na Revolução Praieira, que ocorria naquela Província. Saindo do campo de batalha em Pernambuco, marchou até Montevidéu, no Uruguai, para lutar contra Rosas, ao lado do Conde de Porto Alegre. Em 1855, tornou-se Capitão de 2ª classe do Estado-maior.

Entre 1860 e 1863, Genuíno trabalhou junto à Comissão Exploradora do Alto-Uruguai, e, no ano seguinte, foi nomeado ajudante do diretor da Escola Militar do Rio Grande do Sul. Genuíno participou da Guerra do Paraguai, o que lhe valeu a promoção a Tenente-coronel efetivo devido aos seus atos de bravura. Mais tarde, já coronel, Genuíno voltou ao Rio Grande do Sul, vindo a comandar a guarnição de uma parte da fronteira e, depois, fixando residência em Porto Alegre, onde comandava seu batalhão.

³ João Jorge Klein nasceu no Hunsrück, Alemanha, no dia 14 de maio de 1820. Era filho de João Jorge Klein e Maria Ana Klein. Teria chegado ao Brasil em 1854, vindo a exercer a atividade de pastor na Comunidade Evangélica de Sapiranga no período entre 1858 e 1859, quando em seguida assumiu a Comunidade de Picada 48, onde permaneceu entre 1859 a 1864, quando foi sucedido por pastores com formação religiosa. Klein faleceu em 06 de outubro de 1915, com 95 anos de idade.

⁴ Em seus escritos *Sobre a história dos "Mucker", nos anos de 1872 a 1874*, João Jorge Klein procura se inocentar das acusações de que ele teria sido o mentor intelectual dos Mucker. Em seus escritos, procura responsabilizar Jacobina e João Jorge Maurer, assim como as autoridades corruptas pelo conflito.

Com a eclosão do conflito na colônia alemã de São Leopoldo, o coronel foi chamado para apaziguar e acabar com o conflito entre os colonos do Ferrabraz. Foi durante essa ação que Genuíno morreu, no dia 21 de julho de 1874.

A causa de sua morte é bastante discutida, havendo diferentes versões. Alguns apontam a possibilidade do coronel ter sido atingido na perna por uma bala lançada por um Mucker, enquanto outros afirmam que a bala foi propositalmente lançada em sua direção por um soldado descontente. Já uma terceira versão aponta para a possibilidade de ter sido um de seus soldados o responsável pelo disparo, que sem querer teria atingido a perna de Genuíno. Independentemente da origem do disparo, o fato foi que Genuíno veio a falecer em decorrência de uma forte hemorragia que não pôde ser controlada. A distância do Ferrabraz e os precários meios de transporte existentes na época impediram que o coronel fosse levado a tempo até o centro de São Leopoldo.

O coronel do exército brasileiro, que havia lutado em tantos outros combates, nos quais havia conquistado tantos títulos de bravura, tombou no Ferrabraz, vitimado por uma bala que o atingiu de forma fatal. Em função de sua morte, entrou no cenário do conflito o Major Francisco Santiago Dantas, que levaria o conflito até o final, com a derrota dos Mucker.

Diferentemente da personagem Jacobina, identificada como responsável pelo conflito, Genuíno Sampaio foi apontado pelas autoridades e consagrado à época dos acontecimentos como o herói do conflito, que deu sua vida para proteger a população da colônia alemã de São Leopoldo contra os Mucker. A representação construída sobre Genuíno Sampaio e que se consagrou no imaginário da população de São Leopoldo foi a do militar que tombou em nome da civilização contra a barbárie. Nesse caso, Genuíno representava a lança da civilização, enquanto os Mucker representavam o universo bárbaro, não civilizado.

Essa mesma representação sofreu manipulações, especialmente a partir de 1889, na medida em que o personagem é alvo de interpretação dos republicanos⁵. A eleição desse personagem como figura heróica e de reputação inabalável foi indispensável para a condenação moral de Jacobina, que desempenhava a função de anti-heroína.

⁵ Em 1889, com a implantação da República no Brasil, o princípio que orientava as ações do novo governo era o lema positivista, de ordem e de progresso, corrente defendida por Augusto Comte. Sobre essa questão que envolve a implantação da República no Brasil e a manipulação dos imaginários sociais durante a consolidação do novo regime político, apontamos a obra *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*, de José Murilo de Carvalho. Na obra, o autor discute a forma como os imaginários serviram de elemento fundamental para a consolidação da República e como a veiculação de representações sobre Tiradentes exerceu um papel indispensável na construção de uma nova identidade para a novo regime político.

Cabe ressaltar que não encontramos na historiografia sobre o tema um processo de construção de representações sobre Genuíno da forma densa como encontramos sobre Jacobina. Isso reforça nossa percepção de que foi Jacobina quem mais chamou a atenção dos estudiosos do conflito Mucker. Sobre Genuíno, o que encontramos nas fontes são breves descrições acerca de suas operações militares e alguns comentários sobre sua ação em combate.

Nessa pesquisa, concentraremos a investigação na compreensão da versão apresentada por Ambrósio Schupp para Jacobina Mentz Maurer⁶, que acabou tendo como contraponto a apresentação de Genuíno Sampaio, seu combatente, e na qual se enfatizou elementos como suas origens familiares, suas descrições físico-psicológicas, seus caracteres e suas atuações durante o conflito.

A narrativa do jesuíta e sua importância

Ambrósio Schupp nasceu em Montabaur, Alemanha em 26 de maio de 1840. Cursou filosofia e teologia na Universidade de Würzburg. Chegou ao Brasil em 10 de outubro de 1874, um pouco após o término do conflito Mucker. Nos primeiros 16 anos no Brasil, exerceu o cargo de Prefeito de Estudos no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo (RS).

Concomitante a essa função, exerceu o cargo de padre no Rio Grande do Sul nas capelas de São Leopoldo, Hamburgerberg, Lomba Grande, Sapiranga e Mundo Novo. Em 1901, assumiu a direção do Seminário Episcopal e, em 1904, transferiu-se para Rio Grande, para dirigir o colégio da ordem jesuíta daquela cidade. Após essas atividades, finalmente atuou como professor no Ginásio São Luís, em Pelotas (RS), vindo a falecer em 1914.

É no contexto de construção das representações sociais sobre os Mucker após o desfecho do conflito que encontramos a publicação da obra *Die Mucker* – título original em alemão da primeira edição publicada na Alemanha – do jesuíta Ambrósio Schupp. Em 1900 seu livro será traduzido para o português com o título *Os Muckers*.

⁶ Consideramos o estudo realizado por Joana Maria Pedro bastante esclarecedor quanto às condições em que viviam as mulheres no sul do Brasil durante o século XIX. Em sua pesquisa, a autora analisa como se produziram imagens sobre as mulheres no sul do Brasil e quais os condicionantes que envolveram estas representações. É também à luz deste estudo de Joana Maria Pedro que procuramos compreender a construção das representações sobre a personagem Jacobina Mentz Maurer, que se encontrava inserida no contexto das mulheres do sul do Brasil. Como exemplo de sua exposição, temos a afirmação de que: "Os jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de mulher como boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário ocidental, podiam ser encontrados na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais." PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del (org). *História das mulheres no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 281.

Sua obra contribuiu de forma decisiva para a construção de outras narrativas sobre o conflito Mucker. Através dela, temos acesso à compreensão de Schupp sobre o movimento, que em muitos momentos confunde-se com aquela descrita por Dantas, que foi chefe das operações militares contra os Mucker e também aquela publicada e difundida por Koseritz, através do jornal escrito em alemão, *Deutsche Zeitung*.

Destacamos a atuação do jesuíta na coleta de importantes informações sobre os acontecimentos que envolveram os Mucker e os demais moradores da colônia. Esse importante trabalho de pesquisa de campo realizado por Schupp ocorreu logo após o desfecho do conflito, ainda no ano de 1874.

Schupp procurou ouvir os moradores da região que estiveram envolvidos de forma direta no combate aos Mucker, com a finalidade de publicar uma obra que contasse a história do conflito e que, ao mesmo tempo, servisse de registro histórico dos depoimentos de seus sobreviventes.

Cabe considerar que Schupp ouviu apenas os sobreviventes que se opuseram aos Mucker, ou seja, em sua narrativa, sobressaem as versões contadas pelos inimigos dos Mucker. Vale lembrar que sua obra foi publicada primeiramente em 1900, em língua alemã, em Paderborn, na Alemanha. A tradução para o português foi realizada por Alfredo Clemente Pinto e a consequente publicação no Brasil ocorreu apenas em 1906, pela editora Selbach & Mayer, de Porto Alegre.

No momento em que anuncia como fontes de seu estudo os depoimentos de sobreviventes do conflito – *19 sobreviventes no total* – o autor demonstra parcialidade em suas narrativas, uma vez que essas se constituem em narrativas que apontam para a desqualificação dos Mucker. Em nenhum momento de sua obra encontramos depoimentos de sobreviventes ligados ao grupo de Jacobina.

No prólogo da primeira edição alemã, o autor enfatizou, numa breve introdução, que oferecia uma versão verdadeira respaldada nos depoimentos dos envolvidos no conflito:

O que ele vai narrar neste livro é também a verdade, realidade pura. É a história verdadeira da origem e desenvolvimento inexplicável, dos excessos sangrentos e do fim trágico de uma seita de fanáticos, tal qual ela se desenrolou, quase no último quartel do século XIX, entre os colonos alemães estabelecidos no Rio Grande, província então do extinto império do Brasil.

Muitas testemunhas oculares e muitas outras pessoas que tiveram parte nos acontecimentos, ainda viviam, e da boca destas pôde o autor colher grande cópia das suas informações⁷.

⁷ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, p. 19.

A partir desse contexto e tendo como referência a atuação de Jacobina no conflito, nos propomos a investigar como se deu a produção de uma memória sobre ela, no período logo após o desfecho do conflito, em 1874, e como essa *memória*⁸ está diretamente associada à difusão das *narrativas*⁹ produzidas pelo jesuíta Ambrósio Schupp.

Assim, consideramos fundamental a análise apresentada por Candau, quando afirma que a *memória* é, antes de tudo, “uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: a memória é de fato, mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias”¹⁰.

Já a *narrativa*, nesse caso pode ser compreendida de acordo com a constatação de Chartier¹¹, para quem não existe produção ou prática cultural que não esteja diretamente associada à supervisão e à censura dos diferentes grupos de poder. Essas práticas, segundo o historiador, fundamentam-se na criação de materiais impostos pela tradição que, por seu turno, reforçam *as palavras* e os gestos dos grupos que detêm esse poder, estabelecendo uma verdadeira *luta simbólica*.

A partir desses pressupostos, entendemos que sobre Jacobina – e principalmente sobre sua atuação no conflito - pouco sabemos, uma vez que as fontes às quais temos acesso falavam apenas de um lado da história, ou seja, daqueles que lutaram contra Jacobina. Portanto, operam nesse caso, estratégias de enquadramento dessa memória, para tentar se impor uma única versão dos fatos, que se instaura como verdade.

Dessa forma, as primeiras representações difundidas sobre ela reproduziram um *imaginário*¹² associado ao fanatismo religioso e o desregramento moral – nesse processo, a obra do jesuíta alemão desempenhou papel fundamental.

A obra de Schupp deve ser compreendida como a primeira obra de referência publicada sobre os Mucker, o que coloca a sua visão apresentada sobre o episódio como uma importante matriz historiográfica¹³ sobre o tema,

⁸ CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

⁹ CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A Nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

¹⁰ CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 09.

¹¹ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. A história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 170.

¹² Para Baczko “os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora seus objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa suas identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e expõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento.” BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: *Enciclopédia Einaudi* (Anthropos-Homem). Portugal: Imprensa nacional/Casa da Moeda, s/d. v. 5, p. 309-310.

¹³ Quando empregamos o conceito de “matriz historiográfica” estamos nos referindo as principais obras produzidas sobre a história do conflito e que, de forma muito evidente, acabaram definindo suas principais linhas interpretativas. Dessa forma, compreendemos que existem basicamente quatro matrizes historiográficas sobre os Mucker, que se distinguem por

na medida em que fornece uma única versão sobre o episódio – e que acabou produzindo uma única *memória*¹⁴ sobre os Mucker. Interpretar essa visão apresentada sobre o local e sobre a líder do grupo em seu contexto de produção é o objetivo principal desse estudo.

Sobre essa questão, Michael Pollack chama a atenção em seu estudo para a importância das testemunhas oculares. Estas, quando já em idade adiantada – como é o caso da maioria dos depoentes selecionados por Schupp para a produção de sua obra – se sentem no compromisso de deixar o seu depoimento sobre o fato vivido.

Em decorrência disso, Pollack¹⁵ afirma que elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento, contribuindo, dessa forma, para a solidificação de suas memórias e trazendo como consequência a construção de uma versão sobre os fatos narrados. Nesse aspecto, percebemos que Schupp se valeu desses testemunhos, na tentativa de legitimar seu discurso e dar maior ênfase às lembranças e sentimentos de seus entrevistados.

Ressalta-se ainda a importância que tem a obra de Schupp, uma vez que a mesma já foi reeditada inúmeras vezes ao longo do século XX. A circulação das edições em português e alemão certamente facilitava a leitura por parte dos moradores da região de colonização alemã, o que tornava as ideias defendidas por Schupp mais acessíveis ao público leitor de ascendência germânica, que não raras vezes não sabia ler em português.

Acreditamos ser imensurável seu número de leitores, uma vez que como nos ensina Chartier¹⁶, uma obra pode ser lida por poucos, mas suas ideias podem ser compartilhadas por muitas pessoas, nas rodas de conversa ou na troca de opiniões. O que sabemos é que a obra era de fácil acesso, uma vez que era vendida em diversas casas de comércio da região, além de circular entre as casas dos moradores, que afirmavam possuir em suas casas “o livro dos Mucker.” Finalmente, a obra é editada em 2004 em versão digital pela Biblioteca Digital do Senado Federal, onde se encontra disponível para consulta.

apresentarem explicações bastante diversas para o conflito. Além da obra de Schupp, que foi a primeira, podemos citar a obra de Leopoldo Petry (1957), que se contrapõe à interpretação proposta por Schupp. Em seguida temos a obra de Janaína Amado (1976) que apresenta uma análise marxista do conflito, evidenciando seus aspectos econômicos e sociais. A quarta matriz interpretativa é proposta por Maria Amélia Dickie (1996), que apresenta uma análise antropológica do conflito, evidenciando seus aspectos étnicos. Vale destacar que em ambas as análises posteriores se tornam evidentes as preocupações em se analisar diferentes fontes documentais – até então não apresentadas por Schupp – e a preocupação com a relativização dos condicionantes do conflito, problematizando os elementos que estiveram presentes na eclosão e desfecho do conflito.

¹⁴ POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

¹⁵ Id. *ibidem*, p. 7.

¹⁶ CHARTIER, Roger. *Textos, impressão, leituras*. In: HUNT, Lynn. *A Nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Ressaltamos que os objetivos desse estudo se concentram no entendimento da narrativa produzida por Schupp em seu contexto de produção. Ou seja, não pretendemos julgar ou apontar o autor como responsável pelas acusações realizadas sobre os Mucker.

Ao contrário, buscamos em nosso estudo, compreender como o pensamento difundido por Schupp estava alinhado e coerente com as ideias que circulavam na época – o final do século XIX – em relação dos Mucker. Precisamos ainda atentar para o fato que Schupp era um europeu, católico da Ordem da Companhia de Jesus e, dessa forma, seu pensamento estava de acordo com sua ótica de percepção no que diz respeito ao episódio do Ferrabraz.

Sua formação acadêmica na Europa influenciou de forma evidente sua leitura sobre a área colonial alemã no Rio Grande do Sul e de forma mais direta sobre os fatos relacionados ao conflito Mucker. Esses elementos precisam ser levados em consideração em nossa análise, para que possamos melhor compreender a dinâmica de produção de suas narrativas, bem como as adjetivações presentes em seus escritos sobre os Mucker. Seu olhar clerical e marcado pelo pensamento científico da segunda metade do século XIX são aspectos que se manifestam na obra.

Morro Ferrabraz: o lugar dos Mucker na visão do jesuíta

Acreditamos que as *representações sociais*¹⁷ sobre os Mucker vinculavam-se a um determinado campo de *disputas de poder*¹⁸ em que certas ideias podiam ser *ditas* e outras precisam ser *silenciadas*, de acordo com a realidade do momento em que se encontrava o autor das narrativas.

Considerando como a historiadora francesa Denise Jodelet, que as representações são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”¹⁹, podemos constatar que as representações sociais construídas sobre os Mucker na obra de Schupp são resultado do contexto em que o autor se inseria. Com isso, entendemos que Schupp não “criou” essas representações, mas sim registrou em sua obra as ideias que circulavam pela Colônia Alemã de São Leopoldo no momento em que ele coletava as informações e que eram tidas como oficiais pelos grupos de poder.

Relacionado com essa questão que envolve a memória coletiva e a construção das representações sobre o conflito Mucker, devemos atentar para o estudo realizado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que nos mostra como a produção de discursos está diretamente ligada ao contexto no qual estes se fazem presentes. Inseridos no campo das relações de poder, os discursos

¹⁷ JODELET, Denise (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

¹⁹ JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 04.

procuram estabelecer uma determinada ordem das coisas, seguindo interesses de ordem política, econômica, social e cultural.

Para Bourdieu, a produção dos discursos não ocorre de forma *inocente nem inconsciente*, mas sim como resultado de interesses de determinados grupos, detentores de um poder simbólico²⁰. Segundo ele, esse poder age sobre as estruturas sociais, impondo uma determinada visão dos fatos, transformando-os em *verdades absolutas*.

Outro elemento de fundamental importância para nosso estudo é a compreensão de como se tornou possível a difusão das representações sociais sobre os Mucker, produzidas por Schupp. Sobre essa questão, Bourdieu defende que é somente através do reconhecimento e da crença na legitimidade do autor²¹ que se torna aceitável a difusão de suas ideias.

Valendo-nos do pensamento de Bourdieu, podemos entender como a publicação da obra em questão tornou-se possível. Seu autor, dotado de reconhecimento no meio social de atuação, foi *autorizado* a publicar sua versão da história. Dessa forma, acreditamos que as representações sociais vinculavam-se a esse campo de poder, no qual determinadas ideias podiam ser *ditas* – como é o caso da versão apresentada por Schupp – e outras precisam ser *silenciadas*.

A partir dessa discussão se impõe a necessidade de analisar a relação que essas narrativas produzidas por Schupp possuem com a produção daquilo que Halbwachs chama de *memória coletiva*. Devemos lembrar que, de acordo do Halbwachs, a noção de memória coletiva não deve ser entendida como homogênea, ou seja, devemos compreender que nem todos os indivíduos da sociedade lembram-se dos fatos da mesma maneira, sendo portadores também de memórias individuais, construídas a partir de suas próprias vivências no meio social.

Aventamos, assim, a possibilidade de que a população que lia a obra de Schupp compartilhava das mesmas ideias, na medida em que o livro teve grande tiragem e circulava pela região colonial alemã do Rio Grande do Sul, além de ser tido como a única fonte de estudos sobre o tema até 1957, quando então surgia a versão de Leopoldo Petry. A forte oposição aos Mucker, existente por parte da população da Colônia Alemã ainda no início do século XX, é registrada na publicação de Moacir Domingues, na qual o autor mostra como havia rejeição da população em relação aos descendentes dos Mucker, que em

²⁰ Para Pierre Bourdieu, o poder simbólico “é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo(e, em particular, do mundo social)supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências.” BOURDEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 9.

²¹ Para Bourdieu, “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras.” Id. *ibidem*, p. 15.

sua opinião, contrariavam a imagem do colono ordeiro, descendente de alemães²².

Vinculando essa questão com a teoria proposta por Halbwachs, constatamos que nossas lembranças “permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos”²³.

Em outras palavras, Halbwachs mostra-nos como a memória não é resultado de um trabalho individual, mas sim resultado do trabalho coletivo. Para o autor, a memória, inserida no meio social, é construída coletivamente. Com isso, mesmo que um indivíduo, portador de uma memória individual sobre o passado venha a faltar, sua memória será transmitida pelo grupo, que compartilha das mesmas lembranças.

Retomando a discussão sobre as representações e seu campo de produção, valemo-nos dos estudos realizados por Burke²⁴, para quem uma paisagem (ou, neste caso, a sua descrição) – como é o caso do morro Ferrabraz – evoca associações políticas ou até mesmo uma ideologia, recurso bastante utilizado ao longo da história para identificar, por exemplo, paisagens com nacionalidade, especialmente na pintura.

Analisando o morro Ferrabraz, localizado em Sapiranga, a partir da teoria proposta por Burke, pensamos o cenário do conflito Mucker como um símbolo da maior importância.

Com sua geografia recortada, o morro Ferrabraz sugeria aos tropeiros de gado que por ali passavam, ainda no século XVIII, a imagem de um monstro sarraceno *Fier-à-bras*, que mais lembrava a imagem distante do gigante sarraceno que aparecia nas canções de gesta da Europa medieval. Atualmente, o morro é um importante *lugar de memória*²⁵ da comunidade – pois faz lembrar dos Mucker – e também um dos cartões postais da cidade e atrai muitos turistas em função da prática do vôo-livre, conferindo à cidade o título de capital do vôo-livre.

²² Moacyr Domingues apresentou, na década de 1970, um dos mais importantes estudos sobre os Mucker, no qual realizou um importante levantamento documental. Nele, o autor apontou para o clima de tensão que ainda havia em Sapiranga na primeira década do século XX. Como exemplo dessa tensão existente entre os colonos, podemos acompanhar a descrição de um fato ocorrido em 1905, entre João Jorge Klein, que nesta época já contava com 83 anos de idade, e um morador da localidade que se chamava Teodoro Oldenburg. Segundo a versão apresentada por Domingues, Klein teria alertado Oldenburg do fato de este estar desmatando sua propriedade. Este, sentindo-se ofendido, teria agredido verbal e fisicamente o velho Klein, levando-o quase à morte. Porém, Klein, ao registrar o fato na polícia, não teve ouvida sua reclamação, sendo o caso arquivado em seguida. DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermond, 1977, p. 377-378.

²³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 30.

²⁴ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: História e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004, p.54-55.

²⁵ O imaginário, vale lembrar, tem como um de seus pontos de referência – e de lembrança – os lugares de memória, na expressão de Pierre Nora, para quem “a memória pendura-se em lugares assim como a história em acontecimentos.” NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, pp. 07-28, dez. 1993, p. 25.

Localizado no atual município de Sapiranga (RS), foi o espaço físico e o local das práticas de Jacobina e João Jorge Maurer e, ainda, de residência de muitos Mucker. O morro Ferrabraz conta com 634 metros de altitude e – como nos mostra a imagem abaixo – impõe-se soberano sobre os moradores de Sapiranga, que de qualquer lugar da cidade podem observá-lo com facilidade.

Figura 1

Fonte: Disponível em <http://www.sapiranga.rs.gov.br/index.php/fotos_sapiranga>.

Concentramos-nos, num primeiro momento, em analisar de forma mais aprofundada as representações construídas por Schupp sobre o cenário do conflito Mucker, ou seja, o morro Ferrabraz. Em seguida, nos propomos a analisar as narrativas de Schupp sobre Jacobina e seu combatente, Genuíno.

Utilizado – no contexto da região da Antiga Colônia – pelos pais como recurso na sua educação ou punição das crianças, o morro Ferrabraz acabou se transformando nas décadas seguintes ao desfecho do conflito, num cenário que despertava o medo; suas matas, em campo fértil para a imaginação, assim como os Mucker, que acabaram se transformando em personagens temidos e aterrorizantes.

Considerando a descrição do cenário do conflito apresentada, destacamos a maneira como Schupp caracterizou o contexto no qual se desenvolveu o conflito. Nesse momento, nosso objetivo concentrou-se em analisar a forma como Schupp construiu a sua própria forma de descrever o Ferrabraz. Assim, de acordo com suas palavras:

O teatro principal, porém, ainda não o apresentamos ao leitor. Fica este situado no prolongamento da serra de que acima falamos. Se, com a vista, acompanhamos esta cadeia, na direção leste, descortinamos um ponto onde a mesma parece quebrar-se abruptamente; uma como muralha de rocha alcantilada ergue-se o pino da planície, para onde está voltada

com a sua frente carrancuda, mal-assombrada e coberta de escuro mato. (...) É o Ferrabrás que, dentre os morros do Rio Grande do Sul, granjeou, embora efêmera, a maior celebridade²⁶.

A descrição física do Ferrabraz como um lugar de *frente carrancuda*, *mal-assombrado* e coberto por *mato escuro* remetia o leitor a uma interpretação única em relação ao local. Com essas características pouco atrativas, podemos refletir sobre a recepção desse texto, por parte dos leitores de sua obra, que receberam informações sobre o cenário do conflito e, em especial, sobre seus moradores.

De acordo com Schupp, o Ferrabraz não poderia ser considerado um lugar agradável, dadas suas características pouco atrativas para os visitantes. Consequentemente, a situação não seria diferente para quem lá vivia. O fanatismo e a ignorância, na concepção do jesuíta, encontraram terreno fértil para se desenvolver nesse lugar de tamanha estranheza e de natureza selvagem.

Ainda, segundo Schupp, o ambiente de rusticidade do Ferrabraz se associava a uma forma muito simples de viver a vida, onde a falta de esclarecimento por parte de seus moradores havia levado à formação da “seita” e das curas praticadas por João Jorge Maurer.

Dessa forma a ciência estava ausente nesse lugar e a falsa religiosidade, defendida por Jacobina, levou à prática de uma fé obstinada em falsas ideologias. Portanto, a ciência e a fé não se faziam representar no Ferrabraz.

Na terceira edição em português – da qual nos valem em nosso estudo – o autor incluiu um mapa em que procurou localizar a *ciudadella dos Muckers e seus arredores*²⁷. Esse mapa foi mais uma forma de representar o cenário no qual o conflito se desenvolveu, tentando talvez traçar alguma relação entre o espaço geográfico e sua influência no conflito, uma vez que se tratava de uma área de difícil acesso.

Descrito como uma região de vegetação densa e de difícil acesso, a *ciudadella dos Mucker* representava a resistência aos valores defendidos pelos demais moradores da localidade. Ao mesmo tempo, a *ciudadella* representava uma ameaça à segurança dos moradores, que passaram a ver a casa do casal Maurer como uma espécie de “fortaleza” armada no Ferrabraz.

²⁶ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, p. 36.

²⁷ Id. *ibidem*, p. 373.

Figura 2

Fonte: SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, p. 373.

Foi nesse ambiente de mistério descrito por Schupp que o *casal misterioso do Ferrabrás se deixou penetrar e possuir dessa convicção*²⁸, aliando cura de doenças à prática religiosa. De acordo com Schupp, o Ferrabraz era um local caracterizado por uma vegetação densa, que facilmente poderia encobrir as práticas de Jacobina e João Jorge Maurer, ao mesmo tempo em que dificultava a chegada de pessoas de fora, em especial das autoridades e inimigos, que poderiam ser facilmente avistados pelos Mucker, quando se aproximavam do local onde ficava a *fortaleza*.

No entendimento de Schupp, os Mucker eram os representantes da religiosidade não oficial, não identificada com os rituais e crenças defendidos pela Igreja oficial, tanto a Católica quanto a Evangélico-Luterana. Ilustrando esse olhar religioso sobre o movimento, encontramos uma imagem que retrata São Leopoldo ao tempo do conflito e na qual foi destacado o Colégio dos Jesuítas na cidade.

²⁸ Id. Ibidem, p. 42.

Figura 3

Fonte: SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, p. 25.

Outra leitura possível dessa imagem seria a de representar a posição contrária aos Mucker. Enquanto as representações do Ferrabraz procuravam evidenciar o caráter obscuro e fanático dos Mucker, a representação do colégio dos jesuítas procurava mostrar o lado “civilizado” de São Leopoldo, com a presença dos jesuítas na região.

Agregaram-se às percepções anteriores as referências à *feita de sangue*²⁹ e à *orgia de sangue nas picadas*³⁰ as quais Jacobina estaria promovendo no Ferrabraz. Segundo Schupp, Jacobina estaria espalhando a morte e a desgraça entre os moradores da Colônia. Devemos pensar no impacto – ainda que imensurável, é claro – que a utilização da expressão *feita de sangue* pode causar no leitor da obra, uma vez que nos leva a imaginar um cenário sangrento, marcado por atrocidades e mortes praticadas pelos Mucker no Ferrabraz.

O Ferrabraz passou a ser qualificado como espaço onde se praticavam *festas e orgias de sangue*, recriando um ambiente marcado pelo medo e pela morte, que teria se espalhado entre os moradores. O medo e a insegurança na Colônia, até mesmo após a ação das forças oficiais do Império, teria causado entre os colonos a necessidade de se afastar o mais rápido possível das imediações do morro Ferrabraz. A vida em comunidade havia, naquele momento, dado espaço para o conflito, a morte e o medo, como podemos acompanhar:

Os últimos moradores do Sapiiranga, que até ali não se tinham podido resolver e abandonar os seus haveres, trataram de juntar, à pressa, tudo o que puderam, e, aos magotes, fugiram para São Leopoldo ou para outros pontos, onde estivessem a

²⁹ Id. ibidem, p. 216.

³⁰ Id. ibidem, p. 221.

salvo. Nas roças, na frente das casas, no campo, no mato e até nas estradas, outrora tão animadas, reinava um silêncio sepulcral³¹.

Como já mencionado, a terceira edição da sua obra destacou-se pelo uso de *imagens*. Dentre elas, destacamos a do acampamento do Coronel Genuíno Sampaio e a do Combate de 19 de julho³². Na imagem do combate, fica evidente a utilização do fogo para destruir a casa do casal Maurer. O fogo foi empregado, nitidamente, como símbolo da destruição do chamado *covil dos Mucker*.

A imagem que mostra o ataque à casa do casal Maurer em 19 de julho revelou o sucesso que obtiveram as forças oficiais. A casa em chamas representava, naquele contexto, a destruição da *fortaleza do Ferrabraz*, a superação de mais um obstáculo que impedia o progresso da Colônia. A destruição da casa, pelo fogo, foi a representação do início de uma nova fase para a comunidade, na qual o local dos cultos ministrados por Jacobina não existia mais. Destruido, o local no qual se praticavam as "atrocidades" apontadas pelos inimigos dos Mucker não representava mais ameaça aos moradores da Colônia.

Figura 4

Fonte: SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3 ed., Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, p. 329.

³¹ Id. Ibidem, p. 255.

³² Id. Ibidem, p. 329.

Peter Burke³³ lembra-nos de que as imagens exercem um papel fundamental na construção dos imaginários sociais, na medida em que apresentam ao público um determinado ponto de vista, um ângulo, a partir do qual a imagem procura mostrar uma determinada realidade. Nesse sentido, as imagens *pintadas com bico de pena* e difundidas por Schupp em sua obra exerceram um importante papel na formação dos imaginários sociais sobre os Mucker e reforçaram a construção de uma narrativa que buscava justificar o massacre dos Mucker, ao mesmo tempo em que glorificava a ação das forças oficiais, como pudemos observar na imagem das autoridades policiais.

As representações identificáveis na obra de Schupp fundamentaram de forma definitiva a construção de uma memória coletiva sobre os Mucker e que os apresentava como os responsáveis pelas atrocidades cometidas no Ferrabraz. Ao mesmo tempo, sua versão dos fatos procurou inocentar os demais moradores da Colônia, absolvendo-os de qualquer crime cometido, uma vez que esses estariam defendendo-se dos ataques dos Mucker.

Ainda segundo Schupp, em 1874 teria se iniciado uma nova fase na vida dos moradores de Sapiiranga. Após a morte de muitos Mucker e da própria Jacobina, em 02 de agosto, e após a prisão de outros tantos de seus sobreviventes, teve início o momento de reconstrução da vida em comunidade. Schupp procurou representar esse momento em uma frase: “a colônia semelhava uma criança, em cujo rosto, pouco antes orvalhado pelas lágrimas, assoma a alegria e se espraia, afinal o sorriso”³⁴.

A obra de Schupp serviu de referência para estudos posteriores sobre a imigração alemã no sul do Brasil e também para diversos estudos sobre o conflito Mucker. Tratou-se, sem dúvida, de uma obra de grande impacto na sociedade do início do século XX, na medida em que foi através dela que o público letrado teve acesso às primeiras informações sobre o conflito Mucker.

Com a palavra o intelectual e homem de Deus: a Jacobina de Ambrósio Schupp

Não restam dúvidas sobre a eficácia dos discursos produzidos pelo jesuíta alemão que chegou à Colônia Alemã em 1874. O *lugar de enunciação*³⁵ ocupado por Schupp – que é visto pela população como alguém respaldado pela ciência e pela fé – desempenha papel preponderante nas representações difundidas sobre a líder dos Mucker em sua obra – especialmente na medida em que esse procura se identificar com os moradores da região, criando *laços*

³³ BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. História e imagem. Bauru: EDUSC, 2004, p.156.

³⁴ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, p.307.

³⁵ Sobre essa questão observamos os estudos de SELIGMA-SILVA que nos mostra que o lugar social ocupado por quem profere o discurso é um elemento fundamental para a compreensão de sua eficácia, na medida em que o texto somente será considerado legítimo no momento em que quem escreve é autorizado e reconhecido para falar em nome do grupo. SELIGMA-SILVA, Márcio. *O local da diferença*. Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

*identitários*³⁶, na medida em que Schupp é visto também como representante das ideias dos grupos dominantes da Colônia no final do século XIX.

Schupp é padre da ordem dos jesuítas e, portanto, realiza sua investigação, a partir do olhar de religioso, representante do Colégio dos Jesuítas – instituição absolutamente respeitável pelos moradores da Colônia e até mesmo no meio protestante –, que está situado às margens do Rio dos Sinos e visível a todos que chegam a São Leopoldo. Além disso, Schupp é representante do meio acadêmico e teológico europeu e também, membro da Igreja Católica Apostólica Romana.

Além dessa relação, para compreendermos o papel desempenhado por Schupp na difusão de imagens e representações sobre Jacobina, se faz necessário avaliarmos a publicação de outros escritos que se faziam presentes nesse contexto. Esses diferentes escritos nos permitem entender como o pensamento de Schupp em relação à Jacobina encontrava adeptos em seu tempo. Consequentemente, essas publicações acabaram desempenhando papel preponderante na difusão de um determinado *imaginário*³⁷ sobre a líder dos Mucker.

Nesse contexto, os escritos que, certamente, influenciaram de forma profunda o imaginário social que se construiu sobre Jacobina, foram aqueles publicados pelo político e intelectual do mundo teuto-riograndense do século XIX, que foi Karl Von Koseritz.

Através de suas narrativas, Koseritz procurou divulgar suas próprias interpretações sobre os Mucker e, de forma mais evidente, sobre Jacobina, desempenhando assim um papel de “testemunha ocular” da história, contribuindo com isso para a manipulação das memórias sobre os Mucker, ora enaltecendo fatos ou simplesmente contribuindo para o seu *esquecimento*³⁸. Suas versões pretendiam imprimir uma noção de verdade em seus leitores.

Na publicação do artigo “A Fraude Mucker na Colônia Alemã. Uma Contribuição para a história da cultura da germanidade daqui”, de 1875, encontramos a primeira imagem idealizada de Jacobina. Publicado por Carlos Von Koseritz em seu “Koseritz Kalender”, o artigo procurava alertar as pessoas para os fatos que ocorriam, consistindo num “ato de denúncia” em relação ao grupo que se organizava no Ferrabraz. Esta publicação ocorreu em meio às comemorações do 50º Jubileu da Cidade de São Leopoldo, que, segundo Koseritz, eram alusivas à coragem alemã e pelo trabalho alemão.

³⁶ GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

³⁷ O historiador José Murilo de Carvalho apresenta importantes aspectos a serem considerados sobre a construção dos imaginários, especialmente no que se refere aos seus elementos simbólicos. CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

³⁸ Paul Ricoer, através de sua análise nos ajuda a compreender como se operam os processos de apagamento e esquecimento de determinados fatos ou versões sobre o passado, na medida em que esses passam a ser alvo de manipulações por parte de determinados grupos sociais, que muitas vezes têm o poder de fazer esquecer ou lembrar de episódios do passado. RICOER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

Ainda como exemplo da exaltação da germanidade, Koseritz refere-se aos imigrantes e seus descendentes como *portadores do cerne operoso da natureza alemã e de natureza sadia da raça alemã*.

Para Koseritz, o movimento não se enquadrava na realidade da colônia alemã de São Leopoldo, o que justificava a denúncia: “estes fatos lançam luz terrível sobre nosso progresso e que são motivo das mais sérias preocupações para o futuro”³⁹.

Apresentando os Mucker como fanáticos religiosos e avessos aos avanços da ciência, Koseritz tece críticas severas a eles, na medida em que não praticavam os valores daquilo que Seyferth chama de “germanidade” – o *Deutschtum*⁴⁰. Para a autora a germanidade seria uma espécie de laço identitário, que une os imigrantes e seus descendentes através da etnicidade.

Dessa forma, todos acabam se sentindo parte de um mesmo grupo étnico – dos alemães – que compartilha valores e ideias que são transmitidos pelas gerações e que assim definem traços de conduta e tradições comuns dentro do grupo.

Nesse caso, os Mucker não poderiam ser associados à ideia de germanidade, uma vez que eles não reproduziam as ideias pretensamente pensadas pelos representantes do grupo étnico em questão. No momento em que se afastaram da Igreja oficial e passaram a praticar o curandeirismo, esses deixaram de ser alemães. Nesse momento, como nos mostra a antropóloga Maria Amélia Schmidt Dickie⁴¹, os Mucker acabaram sendo identificados como um grupo de “não-alemães”.

Nesse caso específico, o alvo preferido por Koseritz foi Jacobina. Para ele, a líder dos Mucker representava a contradição da germanidade, ao mesmo tempo em que externalizava a demência religiosa que havia se instaurado na colônia, sendo responsabilizada pelos acontecimentos que assolavam a colônia.

A desqualificação de Jacobina no texto de Koseritz fica bem evidente no emprego do diminutivo *mulherzinha*. Jacobina é descrita como uma desajustada socialmente e responsável por *atos macabros*. Para ele, se a população da colônia não tivesse vivido no desamparo religioso, Jacobina jamais teria alcançado o prestígio e a credibilidade que teve entre seus adeptos. Koseritz

³⁹ VON KOSERITZ, Carlos. A Fraude Mucker na Colônia Alemã. Uma contribuição para a história da cultura da germanidade daqui. Koseritz Kalender. 1875. (Trad. de Martin N. Dreher), p.1.

⁴⁰ SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 26, n. 77, p. 47-62, 2011.

⁴¹ Através de exaustivo levantamento e análise documental, a antropóloga nos mostra como houve, logo após o desfecho do conflito, uma tentativa por parte das autoridades e das lideranças da Colônia Alemã em demonstrar que os Mucker não representavam parte daquilo que se almejava como comportamentos exemplares da germanidade. Dessa forma, segundo sua tese os Mucker deveriam ser identificados como um grupo de “não-alemães”, uma vez que não compartilhavam das mesmas ideias e valores defendidos pelos demais moradores da Colônia Alemã de São Leopoldo, que se orgulhava de sua identidade étnica germânica, associada naquele momento aos ideais de trabalho, família e religiosidade. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. *Afetos e Circunstâncias: um estudo sobre os Mucker e seu tempo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo – USP, 1996.

ressaltou, de forma irônica, sua inconformidade com o pensamento das autoridades religiosas que, segundo ele, logo iriam criticar suas opiniões.

Na versão publicada em 1880, sob o título "Marpingen"⁴² und der Ferrabraz"⁴³, Jacobina é descrita por Koseritz como mensageira da palavra de Cristo. Para o autor, contudo, Jacobina não passava de uma enganadora, que se dizia proferir palavras divinas aos seus adeptos do Ferrabraz. A atitude de Jacobina foi associada ao ambiente rude e hostil – *de pouca formação intelectual e à ausência de amparo científico* – que a privavam do conhecimento mínimo das leis que regem o universo.

No século XIX, as narrativas de Koseritz exerceram um papel de fundamental importância no processo de construção das representações de Jacobina, na medida em que, ao tornar pública sua interpretação sobre o conflito, Koseritz apresentou suas ideias como "a" versão dos fatos.

Observamos uma concordância evidente entre as narrativas difundidas por Koseritz e aquelas que serão publicadas por Schupp em sua obra. As representações difundidas por Schupp sobre os Mucker serão pautadas pela ideia de que Jacobina e seu grupo eram representantes do fanatismo religioso e tomadas por ele como sinônimo de uma fé não racionalizada – e responsáveis ainda por práticas de devoção e desregramento moral que não poderiam ser aceitos pela população.

O jesuíta Ambrósio Schupp afirmou, em sua obra que Jacobina e João Jorge Maurer eram os principais responsáveis pela formação do grupo, apresentando-os como "o casal misterioso do Ferrabrás [que] se deixou penetrar e possuir dessa convicção"⁴⁴, ao aliar a cura de doenças à prática religiosa.

A obra publicada por Schupp foi, certamente, grande responsável pela difusão do imaginário negativo em relação à Jacobina, uma vez que se tratava da única obra existente até meados do século XX que tratava de forma específica o conflito do Ferrabraz. Vale lembrar que a obra de Schupp circulava pela região nas versões em língua alemã e portuguesa, o que facilitava a leitura da obra.

Para o representante da Companhia de Jesus, o mistério envolvia os personagens João Jorge Maurer e Jacobina Mentz Maurer, que não teriam outra pretensão senão a de enganar os colonos, com supostas curas milagrosas realizadas por Maurer através de palavras da Bíblia, proferidas por Jacobina.

De forma semelhante à Koseritz, Schupp apresentou Jacobina como a principal responsável pelos acontecimentos do Ferrabraz que, segundo ele, teriam resultado do desamparo e da ignorância dos moradores da localidade. Nesse contexto de dificuldades, Jacobina desempenhou seu papel de líder religiosa, ao presidir cultos e ao ditar regras de convívio do grupo. Procurou também apresentar Jacobina como uma mulher dotada de capacidades

⁴² *Marpingen* é traduzido por Leopoldo Petry como sendo um lugarejo da Alemanha.

⁴³ VON KOSERITZ, Carlos. Marpingen und der Ferrabraz. In: PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2ª ed. São Leopoldo: Rotermond, 1966, p. 170-173.

⁴⁴ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d, p. 42.

limitadas – e praticante de atos criminosos – como ficou evidenciado na seguinte passagem:

Jacobina mandara degolar o próprio filho, criança de peito, para que o choro desta não descobrisse o seu esconderijo; ordenado mais que, em dia determinado, se fizesse o mesmo a todas as crianças menores de cinco anos; pois assim como o Salvador fora salvo pelo sangue dos recém-nascidos, assim também ela devia ser salva pelo sangue das crianças de tenra idade⁴⁵.

A imagem de uma mãe que manda assassinar o próprio filho foi um recurso utilizado pelo jesuíta, para evidenciar o caráter violento e desumano de Jacobina. Além disso, a execução de todas as crianças do grupo – como demonstração de um ritual religioso – para que as mesmas fossem salvas das forças do mal é apresentada como tamanha realidade pelo autor, que tenta imprimir a ideia de absoluta verdade em suas afirmações.

Nesse momento, Schupp, mais uma vez demonstra como Jacobina foi capaz de criar no Ferrabraz um ambiente no qual os princípios de ciência e fé racionalizada estavam ausentes.

Na passagem seguinte, percebemos que Schupp manteve a versão detratora iniciada com os artigos de Koseritz, ao ressaltar que Jacobina, ao final do conflito, teria sido descoberta ao lado de seu suposto amante. Na descrição de uma Jacobina totalmente fora de si, o autor apresenta a líder dos Mucker através de uma descrição na qual ela aparece transtornada, ao mesmo tempo em que evidencia sua relação com o suposto amante, Rodolfo Sehn:

Jacobina, toda escabelada, o olhar desvairado, precipita-se para fora da choupana. De um salto acha-se a seu lado Rodolfo, pronto a sacrificar a vida por ela. Com olhar de louco, bramindo como um tigre, parecia querer defendê-la de todos os lados, a um tempo⁴⁶.

Para Schupp, a população, outrora tão pacífica e sensata, estava sob a ameaça dos desatinos praticados por Jacobina, que teria aguçado seus sentimentos, provocando a reação dos colonos que, imediatamente, perceberam o “ridículo do conciliábulo fanático do Ferrabrás”⁴⁷.

Em sua descrição do movimento, o autor identificou a existência de dois grupos na área colonial: os Mucker e os Ímpios. Os Mucker eram os representantes das ideias fanatizadas de Jacobina e os Ímpios eram os representantes dos bons costumes e da sensatez.

Segundo o autor, o fanatismo religioso e o desregramento das relações familiares foram consequências da doutrina imposta – por Jacobina – aos colonos do Ferrabraz por Jacobina. A falta de orientação e de esclarecimento tinha favorecido a adesão de alguns colonos, e Jacobina havia se aproveitado

⁴⁵ Id. Ibidem, p. 277.

⁴⁶ Id. Ibidem, p. 299.

⁴⁷ Id. Ibidem, p. 75.

disso. Para fundamentar essa percepção, Schupp descreve a relação conturbada entre Jacobina e seu marido.

De acordo com o jesuíta, João Jorge Maurer há muito não desempenhava o papel de marido, estando relegado a um segundo plano pela esposa. Como fator desencadeador da desunião do casal, o autor apresentou Rodolfo Sehn como um "obcecado pela paixão"⁴⁸ que nutria por Jacobina. O autor destacou ainda que, Rodolfo Sehn, havia deixado sua esposa para viver ao lado de Jacobina, sua verdadeira paixão. A partir dessa descrição, Schupp ampliou sua avaliação a todos que viviam no Ferrabraz.

Para Schupp, os Mucker, por ordem de Jacobina, eliminavam todos seus inimigos e dissidentes, atribuindo um comportamento belicoso e agressivo ao grupo. Os esforços (narrativos) feitos por Schupp para identificar Jacobina como a líder espiritual do grupo e responsável pelos atos criminosos praticados pelos Mucker se tornaram perceptíveis no uso que faz de palavras e de frases de forte impacto, como podemos ver nos trechos que destacamos.

Nessa mesma linha interpretativa, Schupp destaca a atuação de Genuíno Sampaio, afirmando que essa se deu a partir do momento em que as atividades do grupo liderado por Jacobina no Ferrabraz foram associadas a verdadeiros atos de barbárie. Como aponta em sua narrativa, o Ferrabraz havia se transformado num cenário de horror, no que se realizava, por iniciativa de Jacobina, um ambiente de "orgia de sangue nas picadas"⁴⁹.

Ao contrário de Jacobina, Genuíno Sampaio representava o grande salvador da população do Ferrabraz, que vivia sob o domínio de uma liderança feminina. Para tanto, Schupp recriou o ambiente de rivalidade existente entre os dois personagens para, em seguida, construir a imagem de Genuíno Sampaio.

Esse foi representado com características que evidenciam suas qualidades físicas e morais. Schupp procurou apresentar o personagem dotado de virtudes que, neste caso, serviram de contraponto à representação de Jacobina em sua obra. Termos utilizados, como *vigoroso, corajoso e resoluto* tornam compreensíveis os objetivos de sua narrativa, que procurava construir a imagem do salvador, daquele que mesmo podendo recusar tal empreendimento, agiu em nome de sua honra militar para livrar os colonos do domínio de Jacobina.

A ênfase dada à atuação de Genuíno favoreceu a construção de uma imagem de salvador, que foi reconhecida pela população, que atribuiu a ele a condição de verdadeiro herói. Paralelamente ao destaque dado à atuação de Genuíno Sampaio, Schupp destaca outro personagem, Pedro Schmidt, chamado pelo autor de Pedro Serrano, como era conhecido o comerciante de gado e proprietário de uma casa de comércio que ficava em frente ao acampamento das tropas oficiais. Serrano participou ativamente do combate contra os Mucker, servindo especialmente de guia para as tropas do exército, que desconheciam a geografia da região.

⁴⁸ Id. Ibidem, p. 168.

⁴⁹ Id. Ibidem, p. 221.

Serrano é apresentado como um homem de bem, preocupado com a segurança da Colônia, que, em razão disso, lutou ao lado das autoridades contra os Mucker. O autor construiu a imagem de um personagem que, deixando de lado seus próprios afazeres, juntou-se às autoridades no combate contra os Mucker, ao lado de Genuíno Sampaio.

A identificação da população da colônia com as ações de Genuíno Sampaio foi – de acordo com Schupp – tanta que, muitos colonos se ofereceram para ajudá-lo no combate aos Mucker. O ambiente de hostilidade ganha destaque na narrativa de Schupp, ao informar que “os fanáticos não vacilam, mas guardam o passo, amparando a investida. Aos brados de: - Abaixo os miseráveis! Morram os assassinos! – os soldados avançam sempre”⁵⁰.

O ataque que o acampamento das tropas imperiais sofreu teria sido provocado, segundo ele, pelo sentimento de vingança dos Mucker, despertado pelas ações realizadas por Genuíno Sampaio. Cabe lembrar que foi em consequência desse ataque dos Mucker que Genuíno veio a falecer. Sua morte foi interpretada por Schupp como mais uma demonstração da violência e do fanatismo dos Mucker. A notícia da morte do coronel é descrita a partir do profundo sentimento de consternação e de comoção que provocou.

O falecimento de Genuíno vem reforçar a imagem heróica do personagem, já que a mesma se deu em combate. Sua atuação corajosa no combate contra Jacobina e seus adeptos acabou sendo legitimada através do ritual, que envolveu o sepultamento, realizado em Porto Alegre.

Fica evidente a intenção do narrador ao descrever o ritual de sepultamento do coronel: a de ressaltar a participação de diversas autoridades e da população da capital que, segundo ele, estavam comovidas e sensibilizadas com a morte de Genuíno. Na descrição que faz do sepultamento, Schupp enfatiza o sentimento de dor, a comoção e as lágrimas derramadas pelos presentes.

Naquele contexto, Jacobina era identificada como a origem de todo mal e também da morte do Coronel, por quem muitos agora choravam na capital do estado. A líder dos Mucker, ao contrário de Genuíno não teve nenhum ritual de sepultamento. Seus restos mortais foram enterrados juntamente com os demais Mucker em uma vala comum, localizada próximo de sua residência, ao pé do morro Ferrabraz, onde hoje encontramos a estátua construída em homenagem a Genuíno.

Considerações Finais

O processo que envolve a difusão dos imaginários sociais sobre os Mucker nos permite avaliar a importância desempenhada pelos escritos de uma época e, como esses acabam repercutindo no meio em que circulam. Assim ocorreu com a obra de Schupp, um jesuíta alemão que acabou sendo responsável – em grande parte – pela construção de uma narrativa sobre os

⁵⁰ Id. Ibidem, p. 262.

Mucker e, principalmente, sobre Jacobina, líder do grupo, mas antes de mais nada – uma mulher teuto-brasileira do final do século XIX.

A importância da obra de Schupp justifica-se, não apenas por se tratar da primeira obra que tratou de forma específica a história dos Mucker, mas principalmente por que foi a publicação mais difundida no meio social e que foi, diversas vezes, reeditada – e acabou publicada na Biblioteca Digital do Senado Federal em 2004. Dessa forma, podemos afirmar que a narrativa de Schupp foi decisiva na difusão de imagens e representações sobre a líder dos Mucker.

A imagem negativa que se difundiu sobre Jacobina, desde o final do conflito até pelo menos meados do século XX, quando surgiriam outras versões sobre a história do conflito, consolidou um imaginário bastante complexo. Esse imaginário colocou Jacobina como única culpada pelos acontecimentos do Ferrabraz. De um lado estava Jacobina, identificada como a *origem do mal* e de outro estava Genuíno, como *promotor da ordem* na Colônia.

A narrativa apresentada por Schupp acabou se solidificando como um “discurso da ordem”, em que suas “verdades” materializadas nas diversas páginas de seu livro influenciaram de forma profunda o pensamento e a opinião de uma geração. Na medida em que a única fonte bibliográfica existente sobre o tema era *Os Muckers*, o conflito do Ferrabraz foi compreendido numa perspectiva dualista – que contrapunha o bem o mal – em que os lados opostos se enfrentaram, mas de onde se sobressaíram os mais fortes, que nesse caso foram as forças oficiais do Império e os colonos inimigos dos Mucker.

Através da escrita de sua obra, o jesuíta acabou registrando importantes fragmentos da história do único movimento messiânico protestante – e liderado por uma mulher – da história brasileira do século XIX. Entretanto, esses fragmentos narrados em sua obra foram, visceralmente, selecionados de acordo com sua própria perspectiva de análise e de acordo com o contexto em que ele se encontrava. Para ele, os Mucker não poderiam, em nenhum momento, representar o “verdadeiro” *Deutschtum*.

Sobre o autor

Daniel Luciano Gevehr é doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). E-mail: danielgevehr@hotmail.com.

Artigo recebido em 22 de outubro de 2014.

Aprovado em 02 de janeiro de 2015.